

NOTA PRÉVIA: O SÍTIO RUPESTRE NA CACHOEIRA DO MURIM, UMBURANAS – BAHIA

Mizael Costa¹

João Moreira²

Joadson Silva³

Rafael Barreto⁴

Rúbia Silva⁵

Daniel Luna⁶

Marcellus de Almeida⁷

RESUMO

Nesta nota prévia são descritas as inscrições rupestres que compõem o sítio arqueológico Cachoeira do Murim, nas margens do riacho homônimo, no município baiano de Umburanas. Os conjuntos pictográficos de grafismos puros são coerentes do ponto de vista técnico-temático e ambiental com aqueles identificados na região setentrional do Estado da Bahia.

Palavras-Chave: Pintura rupestre; Tradição Agreste; Umburanas/BA

ABSTRACT

This preliminary note describes the rock inscriptions at the Cachoeira do Murim archaeological site, situated along the stream of the same name in Umburanas municipality of Bahia. The pictographic sets of pure graphisms are consistent from a technical, thematic, and environmental perspective with those identified in the northern region of the State of Bahia.

Keywords: Rock painting; Agreste Tradition; Umburanas/BA

1 GEAT-UFPE – Grupo de Estudos em Arqueologia, Geociências e Tecnologias. E-mail: mizaelscosta16@gmail.com

2 0009-0002-1153-8781 - Instituto Cobra Azul. E-mail: jcavalcant@gmail.com

3 0009-0008-3648-1578 - Mestre em Arqueologia pela UFPE. E-mail: joadsonvagnersilva@gmail.com

4 0009-0000-4791-561X - Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco

5 0009-0002-9798-0158 - Ceres Arqueologia e Patrimônio Cultural

6 Instituto Cobra Azul

7 0000-0001-9369-3632



INTRODUÇÃO

Na Cachoeira do Murim, um espaço convival de habitantes de povoados vizinhos e das cidades de Umburanas e Sento Sé, foram identificadas pinturas rupestres dispostas nas duas margens rochosas do riacho homônimo. A disposição das pinturas, grande parte delas afastada do perímetro mais frequentado pelos banhistas, as cores ocre, branco, amarelo, vermelho e vinho, encontradas nas rochas da região, os distraem visualmente, enquanto as sequências de finos arbustos espinhosos, e a aspereza das rochas não polidas pela água, os afastam fisicamente. Este cenário hostil e pouco explícito aos banhistas contribuiu para a preservação dos registros gráficos de populações pré-históricas, tanto assim, que não foram encontradas pichações ou qualquer intervenção nos painéis rupestres.

O Riacho Murim, que nasce a oeste e encontra, a leste, o Riacho Vereda da Táboa, nas proximidades do povoado Brejo da Caatinga, possui margens irregulares, com desníveis topográficos acentuados, em parte graças aos leitos e margens esculpidos na rocha. A cerca de 500 metros a montante no mesmo riacho, existe um sítio rupestre denominado Boqueirão do Rio Murim (KESTERING, 2015). Embora seja provável que além desse existam outros sítios, tanto à jusante quanto à montante da cachoeira, o Sítio Cachoeira do Murim está no único local em quilômetros em que existe uma descontinuidade topográfica suave do leito do riacho, e com acesso ao riacho pela margem direita facilitado devido à ausência de matações.

As pesquisas iniciadas em 2015 para a implantação dos parques eólicos localizados nos municípios de Umburanas e Sento Sé, revelaram inúmeros sítios arqueológicos a céu aberto e abrigos sob rocha com pinturas rupestres. Algumas sondagens realizadas nos sítios de abrigo sob rocha com pinturas rupestres passíveis de serem escavados revelaram uma quantidade de lascas de quartzo branco e hialino, associados aos ocupantes dos abrigos na Pré-História (ICA, 2019 e 2021). Apesar de provável, ainda é cedo para afirmar que os conjuntos líticos recolhidos durante as escavações prospectivas nesses sítios pertençam aos portadores das tradições rupestres que pintaram esses abrigos.

A partir de incursões de um grupo de arqueólogos aos locais fora da área dos empreendimentos de energia eólica mencionados, o sítio arqueológico Cachoeira do Murim foi identificado. O objetivo deste trabalho é apresentar este sítio arqueológico e descrever preliminarmente as evidências arqueológicas que o compõem. Mais adiante, iremos dispor os grafismos encontrados na região da Chapada Diamantina a fim de mostrar semelhanças com os que descobrimos no Murim.

LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO E ASPECTOS PAISAGÍSTICOS

O sítio arqueológico Cachoeira do Murim está localizado na porção norte do município de Umburanas, na mesorregião do Centro Norte Baiano. O município compõe a microrregião de Senhor do Bom Fim, na

Região Geográfica Intermediária de Feira de Santana e que compõem a Região Geográfica Imediata de Jacobina, conforme divisão regional criada pelo IBGE (2022) (Figura 1).

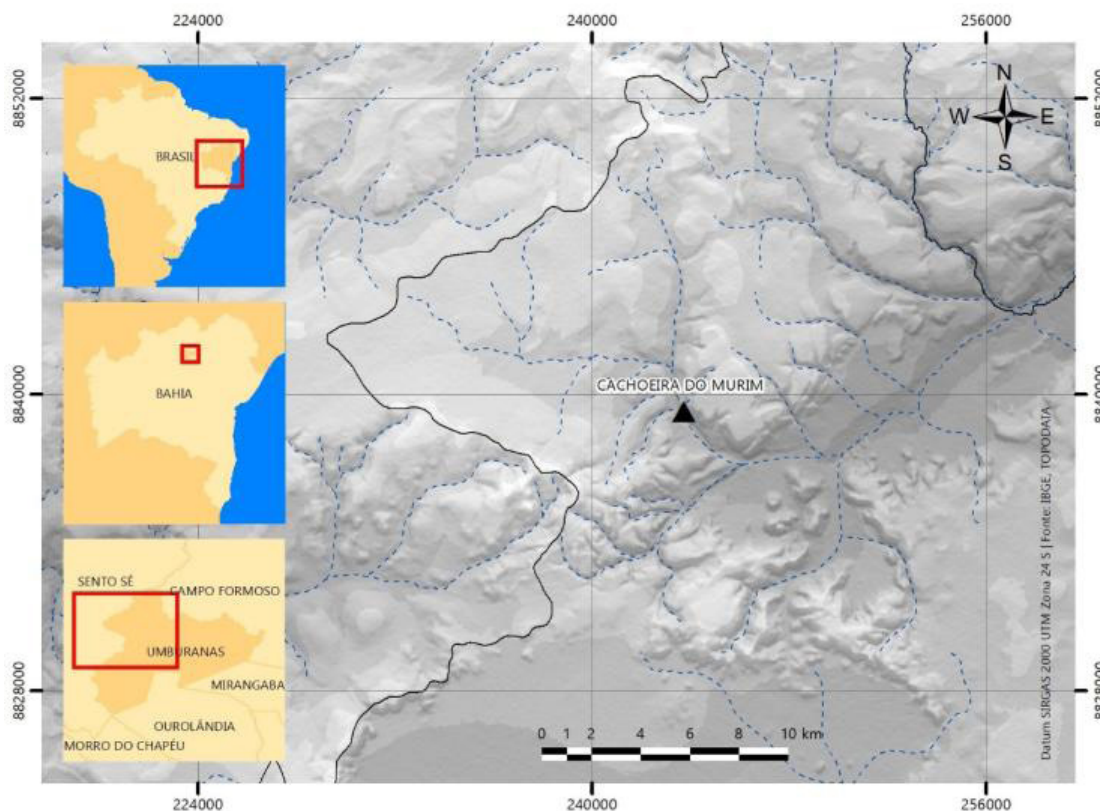


FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO CACHOEIRA DO MURIM. FONTES: IBGE, 2020; TOPODATA, 2008 – ELABORAÇÃO: JOÃO MOREIRA, 2021.

O acesso ao sítio é feito a partir da sede municipal, através da rodovia BA-370, sentido Delino, virando à esquerda na estrada que leva à comunidade de Campo Largo, situada no município de Sento Sé. O sítio está localizado à margem direita da via, no leito rochoso do Riacho da Serra Branca, drenagem intermitente pertencente à Bacia Hidrográfica do rio Salitre, no Submédio São Francisco, em meio às serras da Gameleira, a oeste, e Paulista, a leste, a uma altitude média de 800 m acima do nível do mar (Figura 2).



FIGURA 2: VISTA DO RIACHO DO MURIM NAS PROXIMIDADES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO.
FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

O sítio arqueológico em apreço está localizado na unidade geomorfológica Blocos Planálticos Setentrionais da Chapada Diamantina, definida como modelado de dissecação estrutural, onde os processos erosivos exploram linhas de fratura e falhas na estrutura rochosa. As antigas estruturas dobradas encontram-se cortadas por superfícies pediplanadas, formando topos planos ou abaulados. Nessa unidade predominam Neossolos e Afloramentos Rochosos (BARBOSA, 1975).

Em termos geológicos, Segundo Sampaio et al. (1995), o município de Umburanas situa-se na Província São Francisco, mais especificamente no Domínio Bahia Central. O sítio arqueológico Cachoeira do Murim ocupa terrenos da Formação Morro do Chapéu, datada do Mezoproterozóico-Neoproterozóico/Esteniano-Toniano, com idade entre 850 milhões e 1,2 bilhões de anos atrás. A Formação Morro do Chapéu ocupa o topo do Grupo Chapada Diamantina, sobrejacente às formações Tombador e Caboclo, respectivamente.

A Formação Morro do Chapéu é constituída, da base para o topo, pelas seguintes associações de litofácies: conglomerado suportado por clastos/arenito conglomerático/arenito (sistema fluvial), siltito/arenito, arenito sigmoidal, arenito/laminito e arenito fluidizado (sistema transicional que sofreu várias flutuações do nível do mar) (SAMPAIO et al., 1995).

O clima hodierno na Bacia Hidrográfica do rio Salitre, assim como em boa parte da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco, caracteriza-se como clima tropical semiárido. Segundo o Plano de Gerenciamento Integrado da Sub-Bacia do rio Salitre (ANA/GEF/PNUMA/OEA, 2003), a região do médio Salitre, onde está localizado o sítio Cachoeira do Murim, apresenta regime de chuvas bastante irregular, com precipitação na



ordem de 400 a 500 mm por ano, concentrados entre os meses de novembro e março. A temperatura média é de 23,3°C com evapotranspiração variando entre 83,1 mm e 343,4 mm, conforme os registros das estações hidroclimatológicas de Morro do Chapéu e Petrolina, respectivamente.

Segundo o IBGE (2021), a cobertura vegetal da área é caracterizada como Savana Arborizada sem floresta-de-galeria e Savana-Estépica Arbustiva sem palmeiras e sem floresta-de-galeria.

MÉTODO

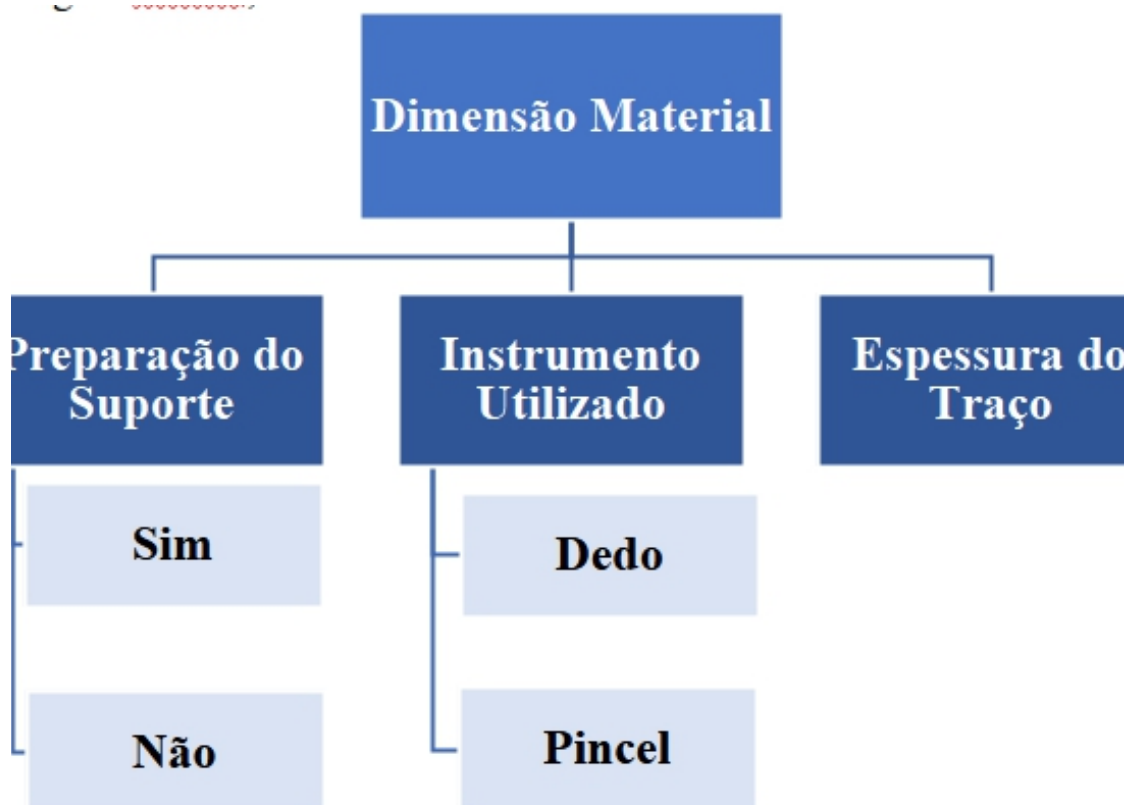
Para o estudo dos painéis e grafismos que compõem o sítio arqueológico Murim, optou-se por utilizar como método de análise o estabelecimento do Perfil Gráfico. Segundo Pessis (2003), o perfil gráfico é uma categoria de entrada em que dados arqueológicos iniciais são elevados a um sistema classificatório seguindo regras hierárquicas.

Associou-se o perfil gráfico as três dimensões do fenômeno gráfico estabelecidas por Pessis (1992), no qual levou-se em consideração a dimensão material (técnica), temática e apresentação gráfica (cenografia). Pessis (1992) caracteriza essas três dimensões como:

dimensão material do registro gráfico, que trata de todos os aspectos da realização técnica, a **dimensão temática**, integrada pelas escolhas feitas pelos autores pertencentes à determinada sociedade e a **apresentação gráfica**, relativa às formas de apresentação gráfica na qual se representam as escolhas temática (PESSIS, 1992, p. 47).

A partir das três dimensões do fenômeno gráfico, foi caracterizado o perfil gráfico do sítio Murim, abordando os painéis, a(s) mancha(s) gráfica(s), a(s) área(s) de concentração(ções) gráfica(s) e os grafismos.

Na dimensão material, foram analisados os aspectos voltados ao modo de fazer os grafismos. Nesse contexto, levou-se em consideração as seguintes variáveis: 1) a **preparação (ou não) do suporte rochoso** para a prática pictórica, 2) o **instrumento utilizado para a confecção dos grafismos**, 3) a **espessura dos traços** dos grafismos. Assim, a dimensão material aborda os aspectos/escolhas técnicas que os autores desses grafismos utilizaram. As variáveis estão organizadas no quadro abaixo (Quadro 1):



QUADRO 1 - VARIÁVEIS DA DIMENSÃO MATERIAL UTILIZADA NO PERFIL GRÁFICO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA.

Com a dimensão temática, foi abordada a morfologia dos grafismos pintados existentes no sítio Murim. Notou-se que os grafismos apresentam, em alguns painéis, um desgaste por esfoliação hídrica resultante das enchentes do Riacho Murim, o que comprometeu a conservação de algumas. Com isso, seguiu-se o critério da continuidade, em que foram identificados os grafismos a partir da conservação e homogeneidade do formato do(s) traço(s) (PESSIS, 2002; MARANHÃO, 2003; COSTA, 2018).

Foram escolhidos apenas os grafismos que apresentaram possibilidade de análise, sem indícios de interferências intempéricas acentuadas, e com suas morfologias em bom estado de conservação. A partir dessa segregação, buscou-se separar os grafismos em duas categorias: *Grafismos reconhecíveis* e *Grafismos Puros*, e se existiam recorrências dentro desses dois seguimentos.

Na apresentação gráfica buscou-se identificar possíveis preferências ou recorrências nas representações pictóricas no espaço do painel, além de padrões no espaçamento entre os grafismos que compõem o sítio Murim. Para tanto, analisou-se três parâmetros: 1) o isolamento dos grafismos; 2) a noção de centro e periferia dentro dos painéis e manchas gráficas e; 3) o espaço entre os grafismos.



Para o levantamento imagético, realizou-se as fotografias nas primeiras horas da manhã, entre 5:00h e 6:00h, buscando uma luz ideal. Seguiu-se uma sequência ordenada de registro, na qual foi priorizado fotografar primeiro o painel inserido no ambiente (foto geral), depois o painel por si, a seguir a(s) mancha(s) gráfica(s), a(s) área(s) de concertação gráfica(s), e, por fim, os grafismos de forma individual.

As imagens registradas em campo passaram por uma análise seguindo uma técnica aplicada por Costa (2018), que consiste no processamento das mesmas utilizando o *Adobe Photoshop 2020*, especificamente o filtro *Camera Raw*. Com isso, buscou-se evidenciar a presença de sobreposições entre os grafismos, sendo possível observar indicativos de momentos pictóricos distintos, através das diferentes tonalidades apresentadas nas pinturas.

RESULTADOS

O sítio arqueológico Murim foi segregado em três (03) painéis e duas (02) áreas com grafismos isolados. Os painéis possuem tamanhos distintos, em posição vertical, sendo que em todos, a prática gráfica identificada foram os registros pintados. Optou-se por descrever cada local especificamente para facilitar a distinção e segregação dos dados.

PAINEL 1

O *painel 1* (Figura 3) está localizado nas coordenadas geográficas UTM 24L 243437E 8839450N, as margens do Riacho Murim, em um matacão de quartzito distando cerca de 5m a oeste do *grafismo isolado 1*. O painel é composto por uma mancha gráfica que mede 77,4cm de comprimento por 45,3cm de largura, com três (03) grafismos pintados e duas manchas não identificáveis (Figura 4). Esses grafismos possuem as dimensões elencadas na Tabela 1:

TABELA 1 – MEDIDAS DAS ACG'S DO PAINEL 1, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA.

ACG	Comprimento	Largura
<i>Grafismo 1</i>	24,2 cm	13,5 cm
<i>Mancha 1</i>	41,5 cm	20,2 cm
<i>Mancha 2</i>	15,2 cm	11.7 cm
<i>Grafismo 3</i>	13.5 cm	8,8 cm
<i>Grafismo 2</i>	9,7 cm	7.2 cm



FIGURA 3: VISTA GERAL DO PAINEL 1 DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CACHOEIRA DO MURIM. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

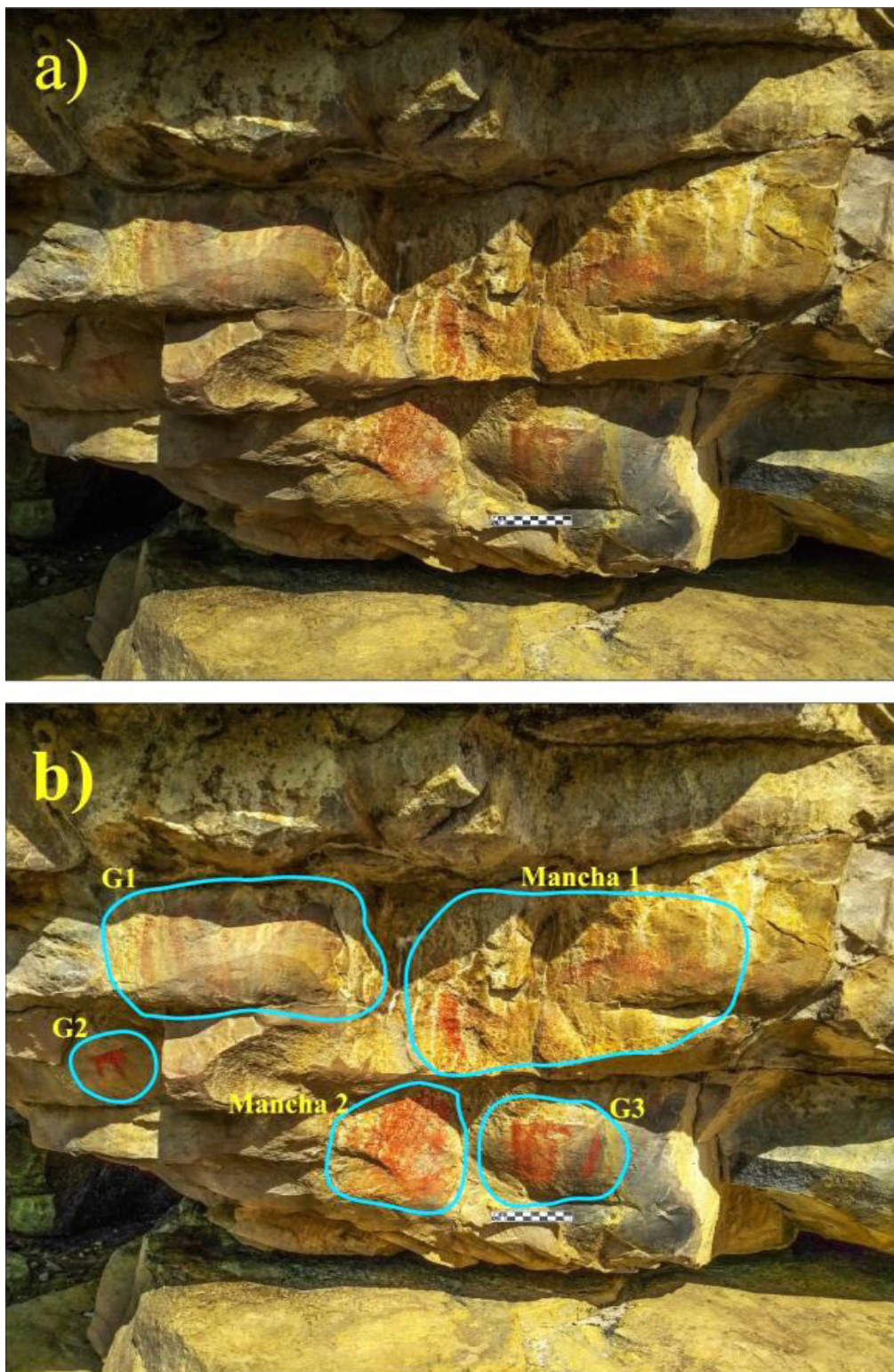


FIGURA 4 – A) MANCHA GRÁFICA, PAINEL 1; B) DELIMITAÇÃO E MELHORIA DA IMAGEM RESSALTANDO OS TONS DE VERMELHO PARA MELHOR VISUALIZAÇÃO DOS GRAFISMOS, PAINEL 1. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

O painel apresenta um processo avançado de intemperismo químico/físico/biológico, que ocasiona



acúmulo de pátina e líquens sobre os grafismos. Como resultado disso, parte do *painel 1* não apresenta condições de análise. Dos três (03) grafismos identificados, apenas dois (02), os *grafismos 2* (G2) e *3* (G3), mantêm uma morfologia próxima da original. Quanto ao *grafismo 1* (G1), o mesmo se encontra bastante desgastado, possivelmente por estar em uma área do painel que fica mais exposta, o que fez com que fosse perdida parte de seus traços.

Os traços do *grafismo 1*, *grafismo 2* e *grafismo 3* apresentaram uma espessura média de 1,8 cm e, pela não uniformidade do pigmento e espessura dos traços, conjecturou-se que os autores dos grafismos utilizaram os dedos para a realização da prática pictórica.

Percebe-se que nos *grafismos 1* e *3* existem traços com tons mais escuros, o que pode demonstrar a sobreposição de pigmento pela quantidade de gestos que o indivíduo utilizou para a realização do traço do grafismo, ou pelas pressões exercidas pelo dedo deixando marcas.

Todos os grafismos apresentam pigmentos de cor vermelha. As áreas de manchas no painel não foram consideradas na análise, percebendo-se apenas que nelas existiu algum(ns) grafismo(s) rupestre(s), mas que se perderam pela ação do tempo. Os grafismos G1 e G3 aprestam formato semelhante, que remetem a “grades”.

GRAFISMO ISOLADO 1

O grafismo isolado 1 (Figura 5) está localizado nas coordenadas geográficas UTM 24L 243442E 8839450N, a 5,15m do painel 1, em um afloramento de quartzito que serve de suporte ao painel 1 e painel 2. O grafismo foi pintado em uma área protegida que forma um pequeno abrigo (Figura 6). O grafismo isolado 1 mede 10,6cm de comprimento por 9,4cm de largura. O instrumento utilizado para a confecção do grafismo foi o dedo do(a) autor(a). Foram utilizados dois gestos para a confecção do grafismo, onde o pigmento de cor vermelha foi utilizado predominantemente. A espessura média dos traços do grafismo isolado 1 é de 1,3 cm. O grafismo foi caracterizado como puro, e está localizado na parte superior vertical do suporte.



FIGURA 5 – GRAFISMO ISOLADO 1, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

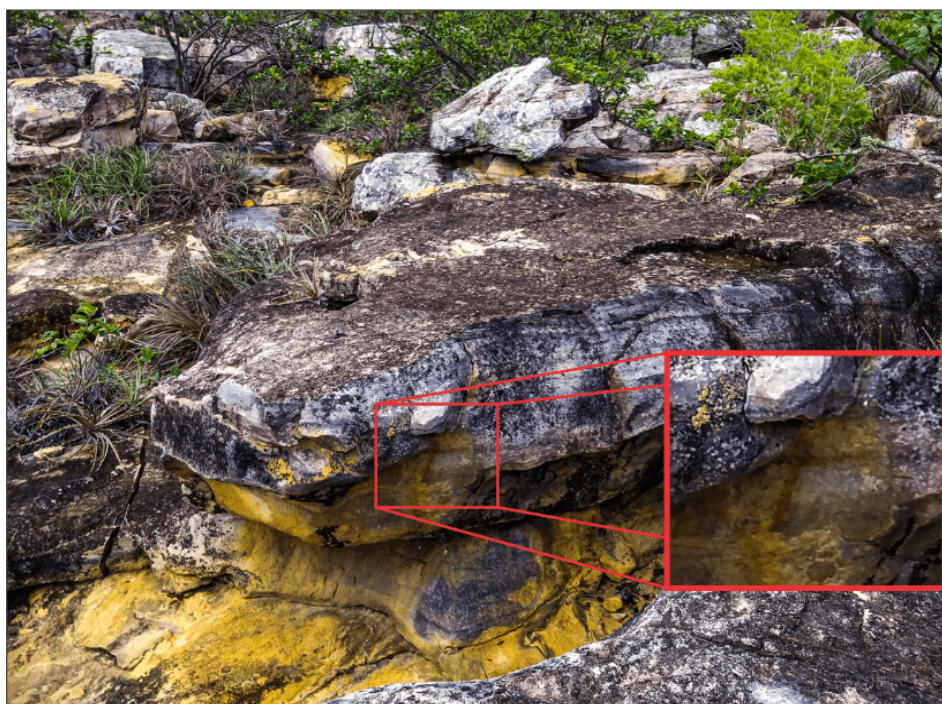


FIGURA 6 – VISTA GERAL DA LOCALIZAÇÃO DO GRAFISMO ISOLADO 2, INSERIDO NO SUPORTE. SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

PAINEL 2

O *painel 2* (Figura 7) está localizado nas coordenadas geográficas UTM 24L 243454E 8839445N, dista 18,4m do *painel 1*, sentido leste, e sua mancha gráfica mede 1,25m de comprimento por 40,5cm de largura. Possui duas áreas de concentração gráfica no seu interior, as quais possuem as dimensões a seguir (Tabela 2):

TABELA 2: MEDIDAS DAS ACG'S DO PAINEL 2, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA.

<u>ACG</u>	Comprimento	Largura
1	65,3 cm	40,5 cm
2	33,9 cm	16,2 cm

O painel apresenta desgastes em sua mancha gráfica, tendo em vista que o mesmo fica em contato com as águas do Riacho Murim, durante suas cheias. A área do painel que se manteve parcialmente preservada está localizada na parte central de um afloramento de quartzito, protegido por estar abaixo de uma rocha que faz uma espécie de cobertura. Mesmo assim, a exposição do painel às ações da água, do vento, do sol e dos agentes biológicos, criou condições, como a pátina, que foram responsáveis pela degradação parcial do acervo gráfico do painel.

A ACG 1 não ofereceu condições de análise, pois teve seu acervo gráfico comprometido, apresentando grafismos com traços incompletos e/ou apagados. Assim, seguindo o critério da continuidade do traço, não foi possível verificar variáveis técnicas, como a espessura do traço, ou morfológicas, como o formato do grafismo, necessárias e imprescindíveis a análise proposta. No entanto, observou-se que a ACG 1 apresenta sobreposições gráficas que indicam, pelo menos, dois momentos pictóricos distintos. Já a ACG 2 apresenta dois (02) grafismos em bom estado de conservação, ambos de caráter irreconhecível, nesse sentido, só vamos contabilizar na análise os grafismos da ACG 2.

Os grafismos foram pintados utilizando exclusivamente pigmentos de cor vermelha. Os grafismos da ACG 2 apresentaram seus traços com espessura média de 1,3cm. Os indivíduos utilizaram os próprios dedos como instrumentos de pinturas. A má conservação do painel e sua esfoliação causada pelas ações intempéricas não possibilitaram análise sobre preparação, ou não, do painel.

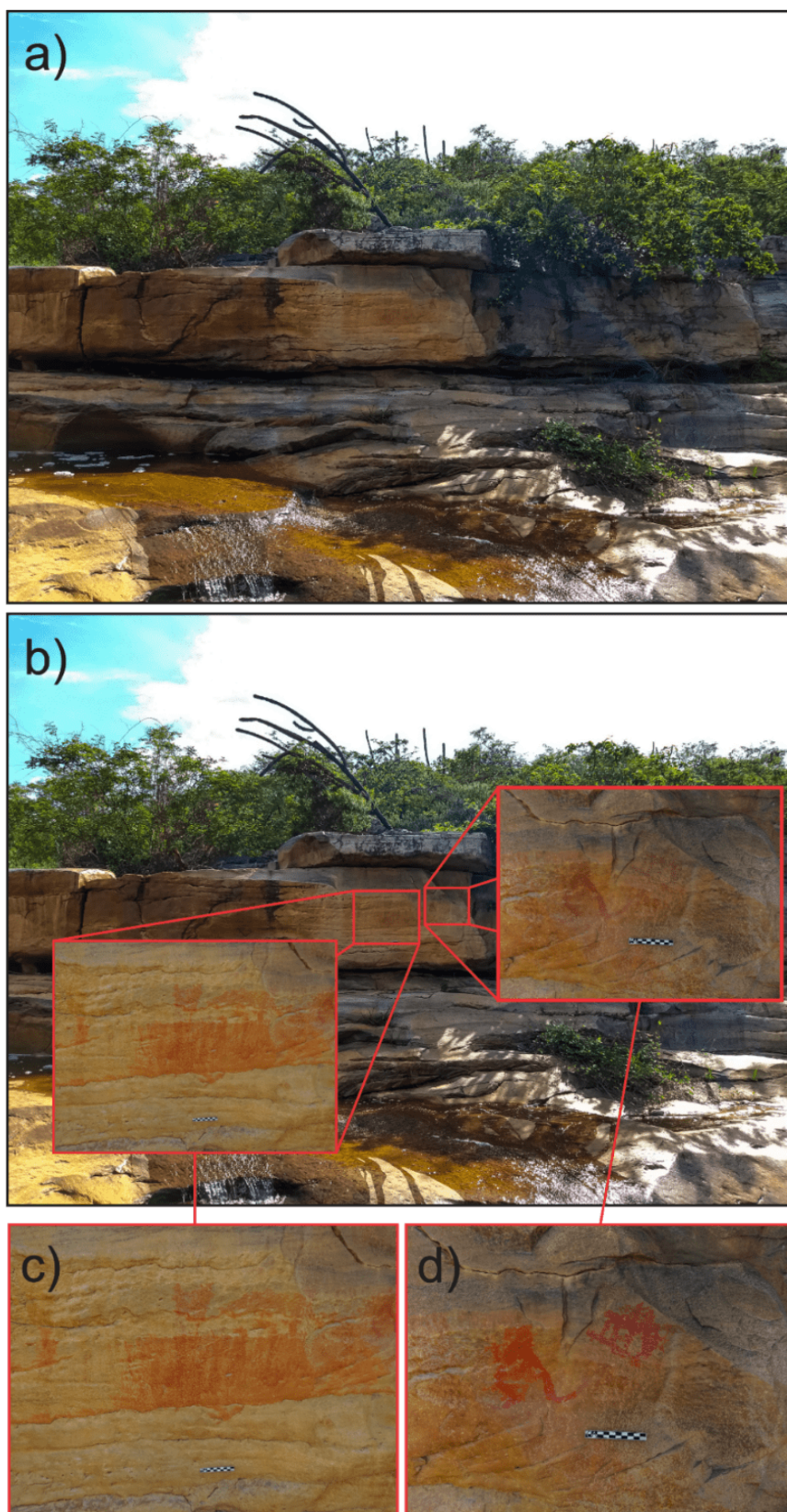


FIGURA 7 – PAINEL 2, SÍTIO ARQUEOLÓGICA MURIM, UMBURANAS-BA. A) VISTA GERAL DO PAINEL; B) DETALHES DAS ACG'S DO PAINEL 2; C) ACG 1; D) ACG 2. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

GRAFISMO ISOLADO 2

O *grafismo isolado 2* está localizado nas coordenadas geográficas UTM 24L 243554E 8839337N, as margens do Riacho Murim, a 116,9m do *painel 1*, sentido sudeste, e a 61,2m do *painel 3*, sentido noroeste, localizado na parte vertical de um afloramento de quartzito que forma uma cavidade baixa (Figura 8).



FIGURA 8 – VISTA GERAL DO AFLORAMENTO ROCHOSO EM ONDE O GRAFISMO ISOLADO 2 ESTÁ PINTADO, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

O *grafismo isolado 2* mede 43cm de comprimento por 13,3cm de largura. Seus traços têm média de 1,2cm de espessura e foram, possivelmente, pintados utilizando as pontas dos dedos do autor (Figura 8). A inconformidade dos traços do grafismo demonstra pressões que a mão exerce no ato de pintar, deixando marcas aparentes dos dedos do indivíduo, pontos de pigmentação mais escuros em alguns traços. Isso corrobora com a hipótese de que esse grafismo foi pintado utilizando as pontas dos dedos.

O grafismo em questão (Figura 9) foi classificado como puro e é semelhante a uma grade, com um traço horizontal na parte superior e vinte e três (23) traços verticais paralelos abaixo. A área em que o grafismo foi pintado o deixa protegido de agentes intempéricos, ficando localizado abaixo de um corte natural da rocha, na extremidade noroeste do suporte, com a vegetação presente em seu entorno. O grafismo, além de protegido das intempéries, fica imperceptível para possíveis curiosos. A área em que o grafismo está pintado não apresentou preparação prévia do suporte.



FIGURA 9 – GRAFISMO ISOLADO 2, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

PAINEL 3

O *painel 3* está localizado nas coordenadas geográficas UTM 24L 243466E 8839355N, a 161,6m do *painel 1* e a 61,2m do *painel 2*, sentido sudeste. O painel está inserido na área central de um afloramento de quartzito que teve sua base erodida pela ação das águas do Riacho Murim, formando um pequeno abrigo. A exemplo do *painel 2*, o *painel 3* perdeu parte de seu acervo gráfico devido aos efeitos de agentes intempéricos. Os grafismos que conseguiram resistir a essas ações de degradação estão localizados, sobretudo, na parte mais protegida do abrigo, que seria a área central. O abrigo forma uma espécie de projeção da rocha, formando uma cavidade côncava. É nessa área central que as pinturas estão inseridas (Figura 10).

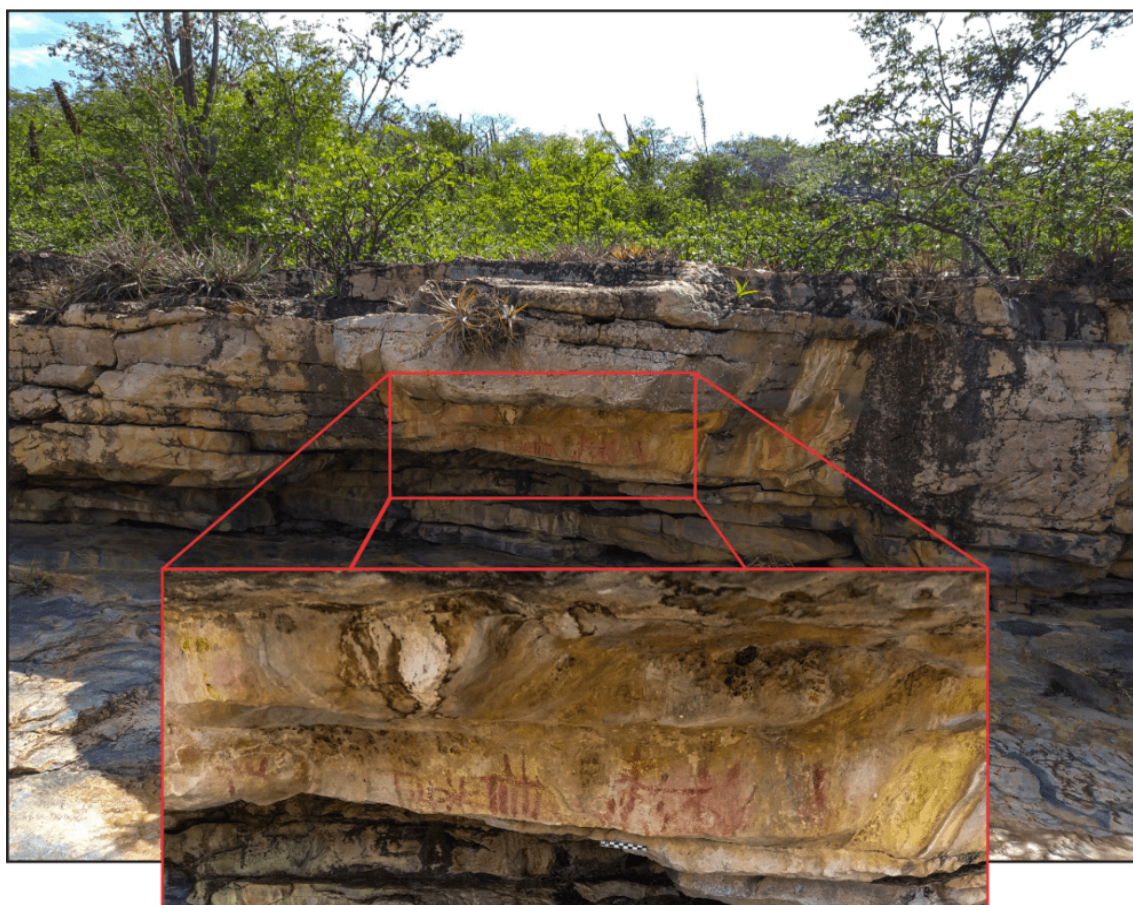


FIGURA 10 – VISTA GERAL DO PAINEL 3, E DETALHE APROXIMADO DOS GRAFISMOS, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA. FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

O painel tem uma mancha gráfica que mede 1,14 m de comprimento por 17,7cm de largura. Devido ao acelerado processo de intemperismo, não foi possível verificar se havia ACG's dentro da mancha gráfica. Dentre os grafismos analisados, apenas três apresentaram condições de análise morfológica, todos irreconhecíveis (Figura 11). Desses três grafismos, um (01) apresentou um formato semelhante ao *grafismo isolado 2*, mas com menos traços abaixo da linha horizontal, e dois traços acima dessa linha. Foi possível observar, também, um grafismo que é formado por traços radiais que saem de um ponto central, muito comum nos sítios da região. A partir do processamento das imagens no programa *Adobe Photoshop 2020*, utilizando o recurso do filtro *Camera Raw*, foi possível evidenciar diferentes tonalidades nas pinturas da área em que os três grafismos analisados estão inseridos (Figura 12), o que demonstra sobreposição e, com isso, momentos pictóricos distintos.



FIGURA 11 – DETALHE DOS GRAFISMOS ANALISADOS NO PAINEL 3, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA.
FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.



FIGURA 12 – DETALHE DO USO DO RECURSO CAMERA RAW DO PROGRAMA ADOBE PHOTOSHOP 2020, RESSALTANDO OS GRAFISMOS E SOBREPOSIÇÕES GRÁFICAS, SÍTIO ARQUEOLÓGICO MURIM, UMBURANAS-BA.
FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2020.

A não uniformidade do traço em sua espessura e pigmentação leva a crer que os indivíduos autores



dos grafismos utilizaram os próprios dedos como instrumentos para a atividade pictórica.

Apesar de não termos analisado os demais grafismos que compõem a mancha gráfica, alguns deles apresentaram traços completos, possibilitando medir as espessuras, destes grafismos, cuja média alcançada foi de 1,3 cm. O suporte não teve uma preparação previa para a inserção dos grafismos.

PERFIL GRÁFICO DO SÍTIO MURIM

Para análise e definição de um perfil gráfico geral dos painéis e áreas com grafismos rupestres no sítio arqueológico Murim, foram somados todos os grafismos analisados durante essa pesquisa, chegando ao número de nove (09), no total. Todos os foram pintados utilizando pigmentos vermelhos, com traços que tem média de 1,3 cm de espessura.

Os grafismos foram pintados utilizando os dedos dos indivíduos autores. Isso pode ser evidenciado pela não uniformidade do traço em sua espessura e morfologia, pois a utilização dos dedos deixa marcas de pressão, e com a utilização de gestos para a continuação dos traços, essas marcas ficam aparentes. Não foi possível identificar se existiu uma preparação do suporte para a aplicação dos grafismos. Isso se explica pelo avançado processo e intemperismos que acomete os suportes onde os mesmos estão inseridos.

Todos os grafismos foram considerados como puros, e desses, quatro (04) apresentaram formas semelhantes a grades e um (01) formado por traços radiais que saem de um ponto central, recorrente nos sítios da região. Os painéis e grafismos seguem um padrão de localização onde foram pintados, exclusivamente em cavidades e pequenos abrigos sob rocha, nas áreas mais centrais e côncavas dos suportes. Isso pode ser uma alternativa de proteção da informação pintada na rocha, pois os grafismos que foram realizados nas áreas mais periféricas dessas cavidades tiveram sua integridade comprometida.

Os grafismos isolados foram pintados na margem leste, sempre nas extremidades norte dos suportes. O espaço médio entre os grafismos nas manchas gráficas é de 8,2 cm, e dentro das ACG's essa distância tende a diminuir para 3,2 cm.

Com a utilização do filtro *Camera Raw* do programa *Adobe Photoshop 2020*, foi possível identificar sobreposições gráficas nos painéis 1, 2 e 3, o que demonstra, pelo menos, dois momentos pictóricos distintos para o sítio arqueológico Murim.

POSSIBILIDADE DE FILIAÇÃO?

O sítio Cachoeira do Murim está localizado numa região com grande quantidade de sítios arqueológicos



com pinturas rupestres pesquisados desde a década de 1960. Exclusivamente em cor vermelha, os grafismos representam grades, ângulos, uma em forma de ferradura, uma figura esteliforme, e um conjunto com uma grande linha horizontal da qual partem ou terminam muitas linhas verticais, que poderiam ser uma estilização extrema do “homem-pássaro”, característico da Tradição Agreste. Este conjunto é coerente com os achados desta região, limitada a norte pelo rio São Francisco, através dos municípios de Sento Sé, Sobradinho e Campo Formoso (CALDERON, 1970; KESTERING, 2011; KESTERING e RIBEIRO, 2013; KESTERING *et al.*, 2013; ICA, 2019 e 2021) e a sul pelo município do Morro do Chapéu, início da Chapada Diamantina (CALDERON, 1983; KESTERING, 2007; ETCHEVARNE, et al. 2020).

Na região do Médio São Francisco, Calderón relata a existência de inscrições em vermelho compostas por “cruzes, x e outros símbolos cruciformes, assim como um grande desenho retangular mostrando dois quadrângulos irregulares”, além de símbolos pectiformes e linhas sinuosas (1967, p. 109-110). Na vasta região da Chapada Diamantina, relata a presença de “desenhos de pontos, círculos e linhas de muito difícil interpretação”. A abundância de sítios nessa região é tamanha que o autor afirma que praticamente “em cada aglomerado de rochas de alguma importância, em cada cornija de arenito, que por aquelas serras são muito abundantes, há alguma pintura de origem indígena” (CALDERÓN, 1969, p. 142).

As figuras identificadas por Calderón (1983) no Médio São Francisco e na Chapada Diamantina foram classificadas como vestígios da Tradição Simbolista por serem figuras geométricas ou “grosseiramente figurativas”, dentro da qual a Fase Sincorá parece representar o conjunto do Murim (Tabela 3).

TABELA 3: FASE SINCORÁ A PARTIR DAS INFORMAÇÕES EM CALDERÓN (1983, P. 16).

	Técnica	Motivos	Cor	Posição cronológica	Ecologia
FASE SINCORÁ	Desenhos isolados quase sempre lineares, não de caráter figurativo, totalmente esquemáticos e exclusivamente simbólicos.	Espirais, círculos, ângulos, losangos, quadrados, linhas verticais e horizontais, flechas, pontos, etc.	Vermelho e negro.	Sem classificar.	Variada, com acentuada tendência para ocupar zonas áridas e com escassa vegetação e sem possibilidades para a agricultura.

Longe de haver um consenso entre os pesquisadores em relação às pinturas características da Tradição Simbolista definida por Calderón, nas décadas seguintes elas foram vinculadas às Tradições Geométrica, São Francisco e Agreste. Para a região do Médio, Submédio e Baixo São Francisco, os problemas dessas classificações são notados a partir das escolhas e hierarquização dos elementos pictográficos icônicos ou emblemáticos, e da associação com zoomorfos e/ou antropomorfos. Kesting (2007) expõe a ambiguidade:



se a técnica e as formas forem levadas em consideração, as pinturas poderiam ser filiadas à “Tradição São Francisco, pela presença de grafismos puros acompanhados de zoomorfos ou antropomorfos estáticos, ou à Tradição Agreste, pela presença de antropomorfos estáticos acompanhados de grafismos puros” (p. 163).

As distribuições geográficas das Tradições Agreste e São Francisco propostas por Gaspar (2003) e Prous (2019) têm intersecção próxima aos municípios de Sento Sé e Umburanas. Era de se esperar grafismos de tradições distintas no mesmo espaço, já que o “corredor” que é o rio e Vale do São Francisco promoveu idas e vindas dos grupos humanos durante a Pré-História. Como foi demonstrado no presente trabalho, as pinturas do Sítio do Cachoeira do Murim são monocromáticas, realizadas através de gestos menos precisos, sem transformação dos suportes, excluindo assim a possibilidade de filiação das pinturas à Tradição São Francisco, embora alguns motivos geométricos estejam presentes nas três tradições mencionadas, como cruzes, círculos, asteriscos, zigue-zagues, sequências de linhas paralelas, espirais, quadrados, para citar alguns.

É provável que os grafismos aqui tratados pertençam à Tradição Agreste, numa área com pouca quantidade de figuras antropomorfas ou zoomorfas emblemáticas que a caracterizam, ao que Martin (2013) denominou sub-tradição Sobradinho, batizada segundo o município homônimo, que se estenderia desde a margem direita do São Francisco até a Chapada Diamantina, incorporando os sítios prospectados por Calderón, incluindo o Morro do Chapéu. A última classificação, proposta por Martin (2013), é mais precisa e abrangente do que as anteriores. Esta proposta, enquanto derivação da Tradição Agreste, destaca-se por incluir uma quantidade significativamente maior de sítios arqueológicos e pinturas rupestres, além de se estender por um território muito mais amplo em comparação ao que foi estudado anteriormente por Calderón (1967; 1969; 1970; 1983); assim, Tradição Simbolista da margem direita do São Francisco até a Chapada Diamantina do último autor corresponderia a sub-tradição Sobradinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi registrar e descrever os grafismos rupestres de um sítio arqueológico descoberto pelos autores alguns anos atrás. A descrição detalhada e análise das pinturas levou em consideração observações realizadas *in loco* para o reconhecimento de possíveis modificações intencionais dos suportes, dimensões das manchas gráficas, alterações nos suportes rochosos e características dos pigmentos.

Algumas considerações sobre técnicas e momentos pictóricos foram apresentados para a constituição do perfil gráfico do sítio Cachoeira do Murim. Um esboço de filiação foi tentado, porém, são necessárias mais pesquisas na região para evidenciar semelhanças e diferenças entre as pinturas rupestres e, sobretudo, posicionar cronologicamente esses vestígios.



AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Prof. Celito Kesting pela valiosa ajuda ao disponibilizar alguns artigos científicos utilizados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA); FUNDO PARA O MEIO AMBIENTE MUNCIAL (GEF); PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE (PNUMA); ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Projeto de gerenciamento integrado das atividades desenvolvidas em terra na Bacia do São Francisco**. Salvador, 2003. (Subprojeto 3.3.B – Plano de gerenciamento integrado da bacia do Rio Salitre. Resumo executivo do relatório final).

BARBOSA, G. V. et ali. **Geomorfologia de parte do Estado da Bahia**. In: Projeto RADAMBRASIL. Belém: Ministério das Minas e Energia, 1974. (Levantamento de Recursos Naturais, 3).

CALDERÓN, V. Notícia preliminar sobre as sequências arqueológicas do Médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA**, 1. Resultados preliminares do Primeiro Ano, 1965-1966. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 107-120, 1967.

CALDERÓN, V. Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA**, 2. Resultados preliminares do Segundo Ano, 1966-1967. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 135-152, 1969.

CALDERÓN, V. Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia. **Universitas: Revista de Cultura**, Salvador, n. 1, 5-17, 1970.

CALDERÓN, Valentin. Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no estado da Bahia. **Estudos de Arqueologia e Etnologia**, Salvador, 5-23, 1983.

COSTA, M. M. S. **Gravuras rupestres na Bacia do Rio Piranhas/Açu**: escolhas técnicas e morfológicas nos sítios arqueológicos do Córrego do Peixe, Jucurutu-RN-Brasil. 2018. 309 f. Dissertação, Mestrado em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

ETCHEVARNE, C.; LAGE, M. C.; FILHO, B.; SANTOS, F. Contextos temporais em sítios de pinturas rupestres, em Morro do Chapéu, Bahia. **Clio: Série Arqueológica**, Recife, v. 35, n. 1, 14-38, 2020.

GASPAR, M. **A Arte Rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **BDiA**: banco de dados e informações ambientais. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://bdiaweb.ibge.gov.br/#/consulta/vegetação>. Acesso: 14 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **DTB**: Divisão Territorial Brasileira. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/23701-divisao-territorial-brasileira.html>. Acesso: 14 jun. 2023.



INSTITUTO COBRA AZUL. **Programa de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Área de Implantação das Centrais Eólicas CLWP Parque I, II, III, IV, V, VI, VII, XV, XVIII, XXI (Grupo 1) do Complexo Eólico Campo Largo, em Sento Sé e Umburanas, Bahia (Fase III)**. Fortaleza: Instituto Cobra Azul, Fortaleza, 2019. (Relatório apresentado para obtenção de anuência da Licença de Operação (LO) junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Bahia (IPHAN-BA).

INSTITUTO COBRA AZUL. **Programa de Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Implantação do Complexo Eólico Campo Largo 2, CLWP - Parques VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XVII, XIX, XX, XXII, Municípios de Sento Sé e Umburanas, Estado da Bahia**. Fortaleza: Instituto Cobra Azul, 2021. (Relatório apresentado para obtenção de anuência da Licença de Operação (LO) junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Bahia (IPHAN-BA).

KESTERING, C. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho-BA**. 2007. 298f. Tese, Doutorado em Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

KESTERING, C. **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA**. São Raimundo Nonato: Editora Universitária da UNIVASF, 2011.

KESTERING, C.; RIBEIRO, M. Contexto geoambiental do Serrote do Morrinho, em Sento Sé – BA, Brasil. **Rupestreweb**, Bogotá, v. 2, 1-29, 2013.

KESTERING, C.; SALES, F.; NEGREIROS, R.; MACEDO, C. Escavação do Sítio Arqueológico Toca do Sobrado, no Município de Sento Sé – BA, I Etapa. **História e-história**, Campinas, v. 1, p. 1-15, 2013.

MARANHÃO, R. B. **Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó Potiguar/Paraibano: um estudo técnico e cenográfico**. 2003. 118f. Dissertação, Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Editora Universitária da UFPE, Recife, 2013.

PESSIS, A-M. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **Clio: Série Arqueológica**, Recife, v. 1, n. 8, p. 35-66, 1992.

PESSIS, A-M. **Imagens da Pré-história**. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire. Images from Pre-History. São Paulo: FUMDHAM; PETROBRAS; A&A Comunicação, 2003.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira: A pré-história e os verdadeiros colonizadores**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019.

SAMPAIO, A. R.; SANTOS, R. A.; ROCHA, A. J. D. (Orgs.). **Jacobina, folha SC.24-Y-C; Estado da Bahia. Texto explicativo**. Brasília: Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), 1995. (PLGB-Projeto de Mapas Metalogenéticos e de Previsão de Recursos Minerais).